Fotos: Zuleika de Souza

O luto pela morte do índio misturou-se à alegria das celebrações religiosas e artísticas em defesa da paz. Na parada de ônibus da 703/4 Sul, 850 pessoas assinaram documento pedindo a punição dos assassinos

DF - Brasília

A Brasília civilizada

Rafael Faria
Da equipe do **Correio**

Havia a consternação geral. Ali, naquela mesma praça da 703/4 Sul, um ser humano tinha perecido nas chamas descabidas de cinco rapazes. E pensar que o sol forte, que ardia na pele dos manifestantes nessa manhã de domingo, nem de longe se assemelhava ao fogo que consumiu o índio Galdino Jesus dos Santos sete dias antes...

O pesar, expressado ora serenamente ora com revolta, não abafou outro sentimento, antagônico. O luto não tirou do ar a alegria; alto astral que surge quando a sociedade, unida, percebe seu poder de mudar, de reter sua própria violência.

Antes um número, agora a pracinha tem nome. "Em memória do índio pataxó hã-hã-hãe Galdino, este local passa a se chamar Praça do Compromisso. Compromisso com a vida e a solidariedade entre os homens", diz a placa dourada que o governador Cristovam Buarque inaugurou.

"Esta praça se chama Brasil, se chama Pataxó, se chama Galdino, se chama esperança e compromisso com o futuro deste país", discursara mais cedo Cristovam, com a camisa clara manchada da tinta vermelha, a mesma que cobria os corpos dos índios que o abraçaram.

O major Juan José Lopes, da Secretaria de Segurança Pública, estimou em dois mil os presentes no momento de pico, às 11h. Mas a quantidade de gente que passou pela manifestação nas seis horas de duração é tão grande quanto difícil de calcular. Oitocentos e cinqüenta pessoas preencheram o abaixo-assinado que pede punição aos assassinos de Galdino.

Incenso e Tai Chi Chuan

A praça ficou coalhada de branco. A maioria atendeu aos pedidos da organização e usou roupas brancas. A minoria sacolejou o corpo com os movimentos suaves do Tai Chi Chuan, sob a direção do professor Joseph Mao-Shong Woo, na primeira atividade do dia. O ambiente cheirava a incenso.

Crianças ganharam papel, guache e pincéis. Pintaram e, mais tarde, deixaram as marcas de suas mãos no cimento fresco de uma nova estátua: uma pomba. O Clube Columbófilo de Brasília soltou 120 desses animais, de carne e osso, ao meio-dia. Um índio, um sem-terra, os deputados distritais Antônio Cafu e Wasny de Roure, uma criança, uma senhora e um adolescente — diferentes segmentos etários e sociais — juntaram-se na revoada dos pombos.

A parada onde o índio morreu permanecia sempre cheia. Todo mundo queria ver o lugar de perto. Logo que chegou, ainda de manhã, a advogada evangélica Gersina Barreto Correia, 42 anos, infiltrou-se no tumulto. O filho Carlos Eduardo no colo. O menino só tem dois anos e nove meses, mas Gersina já acha que é tempo de ensinar-lhe o lado duro da vida. "Foi aqui que mataram o índio. Ele estava dormindo aqui. Cinco riquinhos, filhos de papai, chegaram, jogaram álcool em cima dele e o queimaram. Preste bem atenção!", insistia, firme, para o garotinho atônito.

"É para ele, desde já, ir aprendendo que deve respeitar as pessoas, não importa a classe social", explicou a mãe. Na opinião da advogada, a responsabilidade pelo crime deve ser estendida aos pais dos carrascos de Galdino.

Enquanto isso, às 10h20, o coral Bahá-í cantava músicas de Milton Nascimento no palco depois ocupado por artistas como Adriano Faquini, Toninho Alves, Suzana Mares, Gisa Pithan, Célia Porto e o violonista Zé Pinto, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (-MST). Jaime Ernest Dias, ao violão, e sua mãe, a flautista Odeth Ernest Dias, calaram por alguns instantes a manifestação — de emoção. Tocavam as *Bachianas Número 5*, de Villa-Lobos.

O cantor Falcão integrou o time de artistas que não atuaram. Pelo menos, não no palco. Com extintor de incêndio pendurado no pescoço, brincou: "Índio tem que usar extintor para não ser extinto", sem medo de parecer politicamente incorreto. "A minha intenção é chocar mesmo. Isso aqui é uma forma de protestar. Eu, como todo brasileiro, tenho a obrigação de me indignar", justificou.

O público assistia aos shows segurando margaridas brancas ou amarelas e o grupo teatral O Hierofante soltava bolinhas de sabão. "Na realidade, acho que esses meninos que puseram fogo no índio incendiaram todo mundo. É uma morte que não foi em vão", acredita o diretor do Hierofante, o ator Humberto Pedrancini. "A sociedade como um todo está se indignando e acho que isso é cidadania."

A voz dos índios

Marcos Terena, líder indígena, fez mais que reclamar da Funai. Seus companheiros de raça, a propósito, toda vez que ganhavam a palavra aproveitavam para pedir a cabeça do presidente da Fundação, Júlio Gaiger. No discurso, Terena aconselhou os brancos: "Vocês estão assumindo um compromisso com a gente. Mas assumam um compromisso com sua tribo também, de educar melhor os seus filhos. Porque eles é que vão cuidar de vocês quando vocês ficarem velhos".

Ele também foi responsável pela maior incidência de aplausos do dia, quando vociferou: "Vocês precisam ensinar a seus filhos a ter amor à terra, porque quem ama a terra não vende a Vale do Rio Doce".

Caiapó, Terena, Pataxó, Tucano, Caioá. Representantes de povos indígenas diversos, como o ex-deputado Juruna. "Tá surgindo amor à luta. Esse companheiro nosso que morreu é até bom para brasileiro e artista tomar consciência do problema do índio", afirmou, com português bizarro.

Dois Xavantes dançavam no meio do povo. E Temrité, dos Wadzatse, fotografava com uma câmera moderna, digital, de cima do palco. "A partir deste momento, nós estamos cobertos pelo espírito de nosso irmão Galdino. Essa cerimônia demonstra isso", ensinava o Xavante Jeremias.

Pombos lançados ao ar: no gesto do índio, esperança de dias melhores

Reza e minuto de silêncio

A parte religiosa não coube apenas aos ritos indígenas. Cristãos e judeus promoveram culto ecumênico, com direito a minuto de silêncio. E o coral da Igreja Luterana, de adolescentes, cantou: "Entre todos os povos, línguas e nações, todos vieram Te louvar..."

Também foi um domingo de pintar o ponto de ônibus fatídico com os *sprays* de grafiteiros da Ceilândia, de plantar uma muda de pau-brasil e de ver a exposição de fotos do **Correio Braziliense** sobre a violência: Galdino, Marco Antonio Velasco, Diadema. Nas conversas, o assunto recorrente era procurar explicações para o assassinato de Galdino. Os sem-terra aproveitaram a multidão para vender bonés (R$ 5), camisetas (R$ 10) e bandeira (R$ 8) do MST.

Dado momento, um bêbado mendigo, que se recusou a revelar o nome, bradou ao lado do ponto de ônibus: "Isso tudo é falsidade, rapaz. Isso tudo é publicidade dos barões aí, rapaz". Contou estar triste pela morte do pataxó que "tomou muita cachaça" com ele.

Políticos marcaram presença. Lá estavam o senador Lauro Campos, os deputados federais Augusto Carvalho, Agnelo Queiroz e Maria Laura, além dos distritais Miquéias Paz, Lúcia Carvalho e Geraldo Magela. "Além de manifestar o nosso repúdio a atos dessa brutalidade, é preciso despertar a consciência sobre certos valores como solidariedade, amor ao próximo, não discriminação. Uma sociedade não se constrói só pelo individualismo", acredita o deputado Agnelo.

Faltou o ministro da Justiça Milton Seligman. Também tinham sido anunciados o presidente do Supremo Tribunal Federal, Sepúlveda Pertence, e Glória Perez, mãe de Daniela Perez. Não foram por impossibilidades pessoais. A jornalista Valéria Velasco — mãe de Marco Antônio, estudante morto a pancadas em 1993 —, emocionada, passou por lá despercebida e rapidamente.

A previsão é de que a escultura que o artista plástico Siron Franco prepara para a Praça do Compromisso esteja pronta em 15 dias. A memória do índio Galdino deve voltar a ser reverenciada antes disso. Hoje, alunos da UnB vão à praça, a partir das 10h, para defender a paz. E o organizador da festa (ao lado de 13 entidades) fez a avaliação final: "Acho que essa praça vai ficar para a história de Brasília, qualquer que seja o nome dela", disse Rodrigo Rollemberg, secretário de Turismo.

■ Leia mais sobre a manifestação na página 2